



MOVIMENTO "PROFESSOR CARACOL"

# COM A CASA ÀS COSTAS

**CARRO/ARMÃO DE MUNIÇÕES**  
**FÁBRICA SCHNEIDER FRÈRES E CIE**  
**AÇO, MADEIRA, LATÃO, BORRACHA**  
**FRANÇA, 1902/1904**  
**MAH.R.96.916**

Carro de tracção animal, constituído por 72 cápsulas de cartuchos, regulador e caixa de espoletas, caixas de ferramentas de tiro e reserva de combate e 2 bancos de ajoelhar.

Integra a exposição "E o aço mudou o mundo... uma Bateria de Artilharia Schneider-Canet nos Açores", patente ao público no Museu de Angra do Heroísmo.



FOTOGRAFIA ANTÓNIO ARAÚJO

# ÍNDICE

JOSÉ LOURENÇO

## NOTA DE ABERTURA

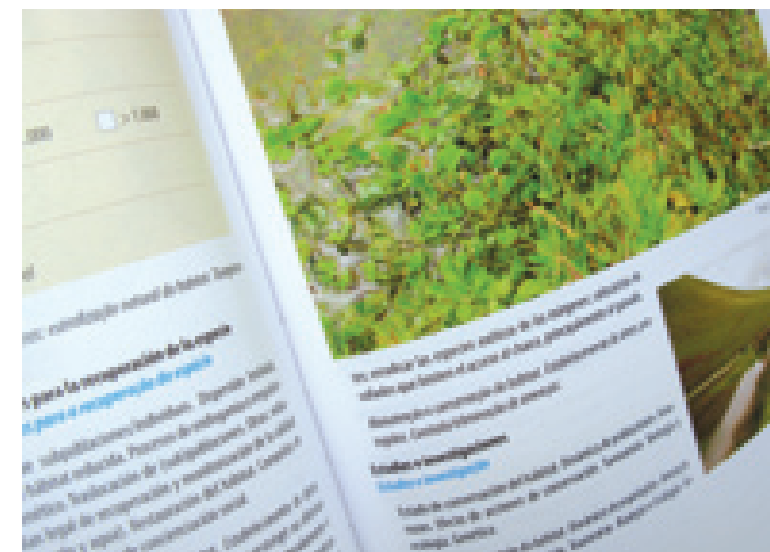
**04 Movimento caracol** ENTREVISTA

**10 Teatro para bebés** REPORTAGEM

**12 Francisco Coelho e Reis Leite** PERSPECTIVAS

**14 Maduro-Dias** VELA DE ESTAI

**16 Espécies em perigo** REPORTAGEM



**18 Luiz Fagundes Duarte** FOLHETIM

**20 Anomally** REPORTAGEM

**22 Victor Rui Dores** CRÓNICA

**24 Guilherme Marinho** OPINIÃO

**25 Arnaldo Ourique** OPINIÃO

**26 Sara Costa** DESPORTO

### Professor Caracol

Tema de abertura: professores constantemente com a casa às costas. É um movimento espontâneo, nascido de conversas nas salas de professores. O Movimento "Professor Caracol" (MPC) – em curso nas escolas insulares – pretende alertar o Governo Regional para os docentes contratados nas escolas da Região, que andam, ano após ano, com a casa às costas. DI entrevistou Paulo Noval, um dos rostos do MPC. Segundo Paulo Noval, são mais de mil os docentes contratados a termo por ano para as escolas açorianas. "Se todos os anos há necessidade de contratar sistematicamente professores para preencher as lacunas do sistema de recursos humanos, porque não os integrar de uma vez por todas?", questiona. É esta a pergunta que colocam ao executivo no manifesto que apresentam.

Reportagem doce: o sol, a lua, as estrelas, prados feitos de lenços, nuvens de algodão e comboios de brincar... DI-Revista leva-o ao maravilhoso mundo do "Tuu! Tuu!", o espectáculo para bebés que esteve, de 22 a 25 de Outubro, na secção juvenil da Biblioteca Pública de Angra.

Reportagem preocupante: na lista das 100 espécies mais ameaçadas de extinção da Macaronésia estão 23 dos Açores. Entre as espécies em risco encontram-se o cedro do mato, o priôlo ou as cracas. A lista das espécies que correm maiores riscos de extinção nos Açores, Madeira e Canárias acaba de ser publicada em livro.

Reportagem com som: "Once in Hell" é o título do CD de estreia da banda terceirense Anomally. Divulgar a sua música fora dos Açores é o próximo objectivo do grupo.

Figura do desporto: Sara Costa, jogadora que representa a Irmandade de Nossa Senhora do Livramento, é um caso sério no panorama do voleibol juvenil. ■



PAULO NOVAL

# MOVIMENTO PROF. CARACOL

É UM MOVIMENTO ESPONTÂNEO, NASCIDO DE CONVERSAS NAS SALAS DE PROFESSORES. O MOVIMENTO “PROFESSOR CARACOL” – EM CURSO NAS ESCOLAS INSULARES – PRETENDE ALERTAR O GOVERNO REGIONAL PARA OS DOCENTES CONTRATADOS NAS ESCOLAS DA REGIÃO, QUE ANDAM, ANO APÓS ANO, COM A CASA ÀS COSTAS. DI ENTREVISTOU PAULO NOVAL, UM DOS ROSTOS DO MPC. »

SEGUNDO PAULO NOVAL, SÃO MAIS DE MIL OS DOCENTES CONTRATADOS A TERMO POR ANO PARA AS ESCOLAS AÇORIANAS. "SE TODOS OS ANOS HÁ NECESSIDADE DE CONTRATAR SISTEMATICAMENTE PROFESSORES PARA PREENCHER AS LACUNAS DO SISTEMA DE RECURSOS HUMANOS, PORQUE NÃO OS INTEGRAR DE UMA VEZ POR TODAS?", QUESTIONA. É ESTA A PERGUNTA QUE COLOCAM AO EXECUTIVO NO MANIFESTO QUE APRESENTAM.

**É um dos promotores do Movimento Professor Caracol, que reúne docentes que não estão nos quadros das escolas insulares. No manifesto pedem a atenção da classe gover-**

**nativa para essa situação. Desde a revelação do manifesto, têm recebido ecos da vossa posição por parte de quem governa?**



Um dos primeiros objectivos foi o de informar todos os professores contratados que existe este movimento, o que já está a ser conseguido, inclusivamente através da presente entrevista. Ao segundo objectivo, que trata de alertar os governantes e políticos para o problema explicitado no Manifesto, ainda não tivemos nenhuma reacção ou resposta. O MPC tem consciência que os políticos vivem muito do mediatismo. Por isso, a imprensa ajudará a concretizar o que ainda não conseguimos.

**O movimento sublinha resultar de um movimento espontâneo. Mas, a divulgação do vosso manifesto surgiu em período eleitoral. Foi intencional? Porquê?**

O maior número de contratações é feito em Setembro. Muitos professores têm comentado nos últimos tempos que, apesar de estarem há anos a leccionar no arquipélago, a sua situação não tem melhorado, continuando indefinidamente a contrato. Todos os anos, tem havido também alterações legislativas que têm prejudicado o estatuto do professor contratado. O período eleitoral reforçou a ideia de criar o MPC, vis-

to que irá existir um novo governo regional e a Educação é sempre uma das áreas políticas mais importantes para qualquer governação.

**Como se gerou este movimento? E quantos docentes o integram? E qual a sua distribuição no arquipélago?**

O Movimento é espontâneo porque a decisão de o constituir tomou-se a partir de uma conversa numa sala de professores. O MPC não pretende nem equiparar-se, nem substituir os sindicatos dos professores. O Movimento tenta ser a voz de um grupo específico de professores: os contratados. A criação do MPC deu-se na Ilha Terceira e este tem sido apoiado por docentes de várias ilhas. O objectivo é que, no futuro, o MPC não seja associado a pessoas em particular mas que se transforme num movimento de professores que partilham algo em comum.

**Os partidos concorrentes nas eleições mostraram interesse pelos vossos argumentos?**

Até agora não. Compreendemos que estejam atarefados em falar de aspectos da vida dos açorianos mais prementes. Mas temos consciência que este assunto será tratado no seu devido tempo, não fosse a Educação um das áreas políticas com maior importância na vida dos cidadãos.

**No vosso manifesto adiantam que a Secretaria Regional da Educação (SRE) contratou mais de mil docentes em regime de contrato resolutivo. Alegam tratar-se de professores necessários às escolas e não situações de substituição temporária ou preenchimento de horários. Se assim é, em vosso entender, porque a SRE opta por essa solução?**

Esta é a grande dúvida dos professores contratados. Se todos os anos há necessidade de contratar sistematicamente professores para preencher as lacunas do sistema de recursos humanos, porque não os integrar de uma vez por todas? Como se justifica o facto de um finalista universitário de Química fazer estágio numa das escolas açorianas e no ano seguinte entrar para o quadro dessa escola e haver professores de Português com oito, dez ou mais anos de serviço ainda a contrato? Pelo que me dizem, um dos problemas reside nos destacamentos de professores do quadro, quer para o continente, quer para desempenhar outras funções. Provavelmente, será preciso reequacionar esta forma de gerir os recursos humanos da Direcção Regional da Educação.

**A solução, em vossa opinião, seria a integração destes docentes nos quadros escolares? Ou admitem que alguns deles teriam de manter-se no regime actual?**

Sabemos que haverá sempre necessidade de fazer contratações para colmatar lacunas como as substituições temporárias por motivo de doença, por exemplo. Agora, o que não me parece correcto é fazer contratações sistemáticas para preencher vagas existentes.

**O Movimento Professor Caracol considera que as alterações legislativas feitas pelo Governo Regional ao Estatu-**

**to do Professor contratado têm “agravado a sua situação laboral já de si muito incerta” com percas no acesso aos apoios à saúde e no campo social. Pode especificar?**

Esta questão é mais técnica, mas vejamos: os professores contratados passaram de contrato administrativo a contrato resolutivo, o que dificulta a sua estabilidade laboral. O professor contratado deixou de ter apoio na saúde pela ADSE, ficando só com a Segurança Social. Muito estranhamente, estas duas medidas não foram adoptadas no continente onde o conflito entre professores e o Ministério da tutela é bem maior. O Novo Estatuto da Carreira Docente dos Açores criou uma espécie de “não-figura” com os professores contratados. Na avaliação aos docentes, nada acontece aos professores contratados, quer tenham uma boa ou uma má avaliação. Sabemos que alguns professores contratados, que ficam colocados fora da sua ilha de residência e, portanto, longe das suas famílias, estão a “comprar” tempo de serviço visto que as despesas inerentes dessa condição de migrante conseguem ser bastante elevadas e não lhes permitem poupar nada. O factor emocional deve ser tido em conta visto que é também prejudicial. Assim sendo, muitos docentes chegaram à conclusão que há sacrifícios que não valem a pena. Pela primeira vez este ano, no meio do milhar de contratações que já foram feitas, tem havido dezenas de professores a recusar horários incompletos ou temporários. No final do ano lectivo, será interessante fazer um balanço total do número de docentes de que as escolas açorianas necessitaram para preencher as suas vagas.

**O número de professores nesta situação tem aumentado nos Açores nos últimos anos? Ou tem diminuído?**

Este ano, houve um aumento substancial de contratações nalguns grupos disciplinares, como o de Educação Física, por exemplo. Tem havido, igualmente, uma maior diversificação de contratações, de acordo com os novos currículos, nomeadamente cursos com componente profissional. É positivo porque a Escola está mais atenta às necessidades da Região em termos de saídas profissionais.

**De que forma a precariedade destes docentes afecta a aprendizagem dos alunos que têm à sua responsabilidade?**

A continuidade pedagógica, que significa a continuação de um professor com a mesma turma ao longo de um ciclo, é um princípio bastante consensual seguido pela maioria das escolas, porque são evidentes os aspectos positivos que daí decorrem quer para os alunos, quer para o professor. Existe, salvo raras excepções, um maior entrosamento, uma maior empatia, criando-se até uma relação afectiva que marca indelevelmente as crianças e os docentes para o resto das suas vidas. Com professores a mudarem de escola todos os anos, isto já não é possível. Há também outra situação que incide sobre a criação de projectos ou participação em programas de médio prazo, com vista ao enriquecimento das actividades extracurriculares na escola. Um professor que não sabe qual se-

rá o seu destino no ano seguinte não se envolve, nem desenvolve esse tipo de iniciativas.

**Entende que o Movimento Professor Caracol pode resolver a situação dos professores precários no arquipélago?**

O Movimento existe para alertar. Usamos humildemente da nossa liberdade de expressão para apelar à sensibilidade dos governantes para o nosso problema. Quem pode resolver esta situação será o futuro Governo Regional e o futuro Secretário Regional da Educação.

**Este tipo de movimentos pode significar um novo momento no quotidiano insular, geralmente apático e subordinado?**

Encaro essa pergunta como algo de mais pessoal. Sei que há organizações, grupos ou associações da sociedade civil que querem contribuir de forma dinâmica no futuro da região, cada uma na sua vertente social. Muitos políticos têm feito apelos a um maior dinamismo por parte do cidadão comum. Aos poucos estão a surgir iniciativas, como este Movimento, que têm sido acarinhadas pela imprensa. Veremos como os políticos responderão a esta nova postura que se consolida na sociedade açoriana. Não querendo adiantar muito, por não estar autorizado a isso, posso dizer que em breve a Ilha Terceira, nomeadamente a cidade de Angra, será desafiada, por parte da tal sociedade civil, para participar num projecto muito ambicioso.

**Como professor, que análise faz da Educação nos Açores? E, em sua opinião, onde é urgente intervir para garantir qualidade e eficácia ao sistema?**

Foram obtidos grandes progressos na Educação. Contudo, o principal problema incide nos resultados escolares. As taxas de insucesso e de abandono escolares continuam muito altas nos Açores. Dar a volta a essa situação será o grande desafio para o futuro secretário regional da Educação. Mas deverá fazê-lo de forma honesta. Por isso, e pelo facto de as estatísticas nacionais terem pouca credibilidade, deverá tentar engendrar uma nova forma de melhorar os resultados com base nas estatísticas internacionais, das quais se destacam os estudos do PISA (Project for International Student Assessment) promovidos pela OCDE. Considero que as novas tecnologias não respondem a todas as situações de insucesso. Aliás, acho que, em certa medida, acrescentaram dificuldades que não existiam. A famosa premissa do “ensino pela descoberta” caiu completamente por terra. Por exemplo, os motores de busca transformam aos poucos os nossos alunos em indivíduos passivos no processo de aprendizagem que acatam acriticamente a primeira coisa que lhes aparece no ecrã, nem que sejam grandes mentiras: “Se está na Net, é porque é verdade”. A escola tem de reflectir o espírito e a vivência da comunidade onde se insere. É preciso pensar bem nos danos que poderá causar no futuro o encerramento de escolas primárias nas freguesias. Aliás, fico perplexo com o facto de as juntas de freguesias não se terem pronunciado veementemente contra esta situação. Deve ser a tal apatia a que se referiu na questão anterior. ■



## “TUU! TUU!” ESTEVE EM ANGRA TEATRO PARA BEBÉS

**O SOL, A LUA, AS ESTRELAS, PRADOS  
FEITOS DE LENÇOS, NUVENS DE AL-  
GODÃO E COMBOIOS DE BRINCAR...  
DI LEVA-O AO MARAVILHOSO MUN-  
DO DO “TUU! TUU!”, O ESPECTÁCU-  
LO PARA BEBÉS QUE ESTEVE, DE 22 A  
25 DE OUTUBRO, NA SECÇÃO JUVENIL  
DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE ANGRA.**

O cenário começa por ser apenas uma estrutura metálica, que se vai desdobrando. Lentamente, ao som do violino de André Penas Lopes, Bruno Cintra, o segundo elemento do espectáculo para bebés “Tuu! Tuu!”, coloca um pano cor de vinho, que serve de fundo para a história que vai ser contada. Primeiro é presa nesse fundo uma árvore, depois um lenço verde e leve a fazer de prado. Acompanhada pelo som característico, surge uma pequena ovelha, que salta, pula e fica a pastar nesse prado. Depois são as nuvens fofas, o sol amarelo e um pássaro, que Bruno segura por um arame. Sob a cabeça de dezenas de bebés atentos, esse pássaro vai batendo as asas. Alguns riem, outros querem tocar, muitos perguntam o que é... Antes de o sol ser substituído no céu cor de vinho pela Lua e por estrelas douradas, surge um menino, um boneco pequeno de grande cabeleira amarela clara, segurando uma flauta, também ela de peluche. André toca flauta, enquanto o boneco vai saltando, nas mãos de Bruno, para cima da árvore, para as nuvens e para junto dos bebés dos seis meses aos três anos que se encontram na secção juvenil da Biblioteca Pública de Angra do

Heroísmo, no Centro Cultural e de Congressos. Depois de ter passado a noite e o sol ter nascido novamente no céu cor de vinho, o cenário vai sendo desmontado, enquanto um comboio de brincar vai andando em círculos, prendendo a atenção das crianças. Tudo termina com o menino de cabeleira flamejante em cima do pássaro, e, novamente, a música da flauta. Foram perto de 30 minutos em que uma plateia composta por pais, mas também por muitos bebés, se manteve atenta a uma história contada de forma simples, através de sons e objectos.

No fundo, é estimulada uma “micro-sensibilidade”, tinha explicado, dias antes, Bruno Cintra, depois da primeira sessão do “Tuu! Tuu!” em Angra. “Tudo gira à volta de sons, cores, movimentos... No nosso caso, fazemos teatro de objectos. Tentamos recriar ambientes e paisagens através dos movimentos, da cor... Mas quando falamos de bebés, há apenas uma micro-sensibilidade, quase que temos de adivinhar as reacções, porque quando eles são mesmo muito novos não falam, nem se exprimem muito”.

Bruno criou o espectáculo há perto de três anos. “Estava dentro na área do teatro de objectos e tinha o meu próprio bebé, pelo que se pode dizer que estava desperto para algo como isto”.

O “Tuu! Tuu!” foi uma novidade em Portugal. “Existem concertos para bebés, leitura para bebés, mas em termos de teatro não existe muito. Além disso, isto não é teatro de actor, que canta ou conta uma história. Aqui são os objectos que o fazem. Acho que este espectáculo foi algo muito diferente”.

### IDEIAS E IMAGENS

A linha condutora é a simplicidade. É quase um espectáculo de bolso, em que animais, prados, árvores, lua, sol e estrelas, vão surgindo de uma caixa para o pequeno cenário. “Mostra-se que, a partir de coisas simples, se pode brincar. Pegamos nos objectos das crianças e transformamo-los em teatro”, explica Bruno, sentado na recepção do hotel onde ficou hospede-



dado, descontraído, com o cabelo comprido apanhado num rabo-de-cavalo. “No fundo, tentamos criar um momento tranquilo e pensamos que, a partir daí, as crianças estão a ter imagens, ideias”.

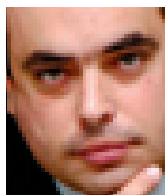
O objectivo é estimular a imaginação de um público muito, muito jovem. “Sim, é isso. Criar as tais imagens e ideias. Mas gosto de encarar isto, sobretudo, como proporcionar um bom momento. E basta olhar para eles e vê-los tão concentrados para perceber que só podem gostar. Afinal, dá logo para ver, porque eles são muito verdadeiros. É o público mais sincero que há”.

Essa espontaneidade por vezes pode causar situações mais difíceis de controlar, admite Bruno, com ar divertido. “Muitas vezes tem a ver com o próprio espaço físico. Os bebés, quando estão habituados a uma sala pequena por exemplo, estranham que os mudem para um espaço maior. Uma vez passámos por uma situação um pouco caótica, numa escola onde as educadoras decidiram fazer o espectáculo num espaço grande, onde eles costumavam fazer Educação Física, toda cheia de espelhos. Eles chegam lá, vêem dois estranhos, um sítio grande, os espelhos... E começam a chorar. Já se sabe como é: Quando um chora, os outros imitam, quase por simpatia. Mas dali a uns minutos já estavam todos sossegados, muito atentos...”.

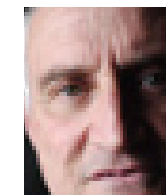
Minutos antes do último espectáculo que Bruno Cintra e André Penas Lopes fizeram na secção juvenil da Biblioteca Pública de Angra, uma funcionária dizia isso mesmo, com um sorriso: “Tem sido maravilhoso, corrido muito bem. Eles ficam todos muito atentos, tão sossegados...”.



E foi ver os bebés ao longo de meia hora, enquanto estrelas, sol e lua saltavam de uma caixa... Mas os pais também gostaram. Encostado a uma mesa, Bruno Cintra ouviu uma mãe dizer-lhe o que já escutou tantas vezes: “Foi tão bonito... Lindo, mesmo”.



FRANCISCO COELHO



REIS LEITE

## O ESTATUTO VEM AÍ...

O Presidente da República (P.R.) vetou politicamente a revisão do Estatuto Político-Administrativo dos Açores. Mais concretamente: manifestou divergências políticas relativamente ao famigerado artº 114º (audição dos órgãos de Governo Próprio em caso de dissolução da Assembleia Legislativa por parte do P.R.) e artº 140º (âmbito dos poderes de alteração, por parte da Assembleia da República (A.R.), duma proposta de revisão estatutária da Assembleia Legislativa). Em ambos os casos considerou o P.R., na mensagem que acompanha a devolução do diploma à A.R., que está em causa o equilíbrio de poderes entre os órgãos de Soberania e a pretensa limitação ou alteração desses poderes por lei infraconstitucional. Trata-se, em qualquer circunstância, de uma divergência política. Se assim não fosse, o P.R. teria, relativamente a estas normas, exercido o poder de solicitar a respectiva fiscalização preventiva da constitucionalidade, como o fez a respeito de outras. Teve duas oportunidades para isso.

A Assembleia da República já tinha, na sequência da comunicação ao País do P.R. em Julho último, procedido a ajustamentos ao artº 114º, levando em consideração as preocupações do P.R. De resto, o veto político do P.R. é apenas a formalização e insistência, no uso duma prerrogativa constitucional, de posições ou argumentos já conhecidos, e em larga medida refutados, por parte da A.R. O Parlamento Nacional, órgão de Soberania a quem incumbe constitucionalmente o primado da função legislativa, conhecendo a posição do P.R., confirmou o diploma em Setembro último. As divergências de posição entre os dois órgãos de Soberania, ambos com legitimidade democrática directa, resolvem-se nos termos da Constituição. Nada havendo de novo, é de prever que a A.R. mantenha a sua posição, levando finalmente à promulgação, publicação e vigência da revisão do nosso Estatuto. A firmeza, coerência e insistência nas nossas convicções é o caminho único da dignidade autonó-

mica. O Parlamento Nacional também não pode correr o risco de, no mesmo quadro argumentativo, alterar posições, sujeitando-se a que essa alteração seja interpretada como decorrente da agenda eleitoral. Ficam assim mais esclarecidas as posições de cada qual dos diversos actores político-institucionais envolvidos acerca dos seus poderes e da Autonomia. E ficamos sobretudo todos mais elucidados acerca da firmeza e força, política e de princípios, de todos eles. É sabido que líderes e partidos fortes conse-

guem manter a sua posição e influência. É certo que líderes e partidos fracos parecem cataventos de convicções, em permanente vassalagem aos mais fortes. É ver, meus senhores, o comportamento e posição do PS-Açores e do PS-Nacional. É constatar o espectáculo que têm dado o PSD, nos Açores e na República! E o galo ainda não cantou três vezes... De qualquer modo, a revisão do Estatuto vem aí. Não foi fácil. Como as coisas e conquistas importantes nunca são! ■

## O VETO E AS QUERELAS

Deixemos as questiúnculas, as acusações mútuas, o braço de ferro entre os partidos e estes e o Presidente da República, acerca do Estatuto Político-Administrativo dos Açores e abordemos a substância. De todas estas cenas que se arrastam há meses e prometem prolongar-se, sabe Deus e está calado, até quando, sobressaem duas questões fundamentais. A primeira é a constatação que, finalmente, se apurou a verdadeira razão porque o Estatuto não passa no crivo político presidencial, como já

anteriormente outras leis não passaram no crivo do Tribunal Constitucional e até a revisão constitucional de 2004 saiu coxa. A pedra no sapato em todos estes momentos foi a relação entre as Regiões Autónomas e a Soberania da República. A ilusão de que era possível encontrar uma forma suave de partilhar soberania entre ambos os níveis políticos, mantendo o Estado Unitário, ruiu por fim. O que o Presidente da República disse nas suas mensagens, menos claramente em Julho e agora mais explicitamente, é que não se pode acei-

tar que as Regiões Autónomas interfiram, limitando-a, na soberania da República. Os dois travões que haviam sido encontrados para moderar a soberania absoluta da República, a audição obrigatória das Regiões Autónomas pelos órgãos de soberania e o poder de iniciativa exclusiva da Assembleia Legislativa Regional na alteração do Estatuto Político-Administrativo foram todos por interferência inadmissível do poder soberano do Estado. Compreende-se que as Regiões Autónomas não possam aceitar esta leitura

do conceito de autonomia política, porque têm consciência que uma vez esta aceite é só o princípio do desmoronar de muitas outras aspirações. Veja-se, por exemplo, o que já disse e ameaçou o Provedor de Justiça acerca da pretensão açoriana de se criarem provedorias regionais. A segunda das questões fundamentais que o veto e a discussão pública à sua volta suscitaram na opinião esclarecida do país e a compreensão, por fim, de que as aspirações autonómicas insulares para se concretizarem são incompatíveis com a existência de um Estado Unitário. As declarações obtidas pelo semanário "Expresso" de constitucionalistas, políticos e analistas, são claras. Todos eles concordam que só o fim da existência de um Estado Unitário e a criação de um Estado Federal pode acabar com a contenda. Outra coisa é, contudo, que estejam de acordo com essa solução. Assim, acabada a querela do Estatuto irá começar a querela do Estado e então veremos de onde sopram os apoios e as vontades políticas. ■



## VELA DE ESTAI

FRANCISCO MADURO-DIAS  
maduro.dias@mail.telepac.pt



# ILHAS E TURISMO

A dificuldade de projectar e divulgar no exterior um arquipélago como os Açores é grande.

São várias ilhas, com distâncias e custos a acrescentar à deslocação inicial que não é barata.

Acresce que falar “lá fora” destas ilhas é assim um pouco como falar no lado escuro da Lua.

As pessoas sabem mal – e muitas até nem sabem – onde fica Portugal, desconhecem bastante do estatuto político do País e, claro, o dos Açores.

Tudo isso só ajuda a complicar um cenário, já de si difícil por via da geografia.

A maioria das gentes, se sabe alguma coisa do que é costume designar como “portuguese islands” (as “ilhas portuguesas”) é por via da importância da Madeira o que já sempre alguma coisa nesse mundo cheio de concorrência que é o do turismo.

Ora, numa situação assim, percebe-se o esforço de várias entidades públicas quando insistem na necessidade de se “vender” turisticamente os Açores como um conjunto. Acrescentam, até, que não é bom falar em sub-regiões nos Açores.

Mas visitar os Açores é o quê, do ponto de vista de um programa turístico?

Quando se visita Lisboa, se se vem do outro lado do Mundo, diz-se que se esteve em Portugal mas os cartazes e publicidade referem quase sempre qualquer coisa como “Lisboa-Portugal”.

Quando se visita Espanha acontece o mesmo (“Barcelona – Espanha” ou “Madrid – Espanha”, por exemplo). No caso de Cabo Verde a questão já muda de figura – para mal! Enche-se o cartaz com Cabo Verde e, afinal, o que se paga é alguns dias num resort na ilha do Sal.

Como ainda sou do tempo em que se aprendia que Cabo Verde eram dez ilhas, é claro que isto de uma só ilha soa e sabe a pouco!

Quanto às Canárias a situação é intermédia. A publicidade é feita centrada no Arquipélago mas com clara informação da ilha ou ilhas incluídas no programa.

Voltemos então à questão: Visitar os Açores é o quê?

Dei de caras ontem com mais um sítio na internet que publicitava os Açores com viagem, estadia e tudo por poucas centenas de euros.

Lá no fundo, em letras pequeninas estava a indicação: S. Miguel (e era só).

Ora todos sabemos por aqui em volta, pelo menos desde 1452, quando Diogo de Teive topou com as Flores e Corvo, que “as Ilhas dos Assores som nove”!

Se se percebe a necessidade de divulgar estas terras

como um todo, não se percebe a vontade de as reduzir a um só sítio, como se “isto” fosse apenas um lugar em vez de nove ilhas!

Não é correcto nem ético vender o destino Açores apoiado apenas numa ou duas ilhas. Pode ser económico mas não é aceitável em termos do desenvolvimento que pretendemos correcto para aqui.

De um ponto de vista interno todos perdem porque o investimento espalhado não produz os efeitos esperados; perdem porque, uma vez aqui vindos, os viajantes acham que “já viram tudo” e mudam as vistas para outro local; perdem porque, em termos de vida, riqueza acrescentada e olhos no futuro, esta situação só faz crescer a inveja, a má vontade e a descrença na viabilidade de uma Região como a nossa.

Do ponto de vista externo, do mesmo modo que quem visita Lisboa, Madrid ou Nova Iorque esteve em Portugal, Espanha ou Estados Unidos, mas não viu tudo, nem por lá perto, é importante que a gente exija uma política de divulgação e criação de possibilidades quanto aos Açores, feitos à nossa escala e tendo em conta a nossa situação.

Se os Açores são nove ilhas “Visitar os Açores” implica conhecê-las todas e nenhuma pode ou deve ser deixada de fora.

Ora, fazer isso de uma só vez, é uma quase utopia comercial no presente momento.

Mesmo o “circuito açoriano” é injusto para com os Açores, os açorianos e os visitantes, sendo a experiência do INATEL a mais interessante pois ora se concentra em duas ou três ilhas ora noutras três e isso, ao longo dos anos, permite o tal conhecimento alargado do Arquipélago.

Assim, e tirando daí um pouco a lição, a aposta deveria ser feita em ilhas ou grupos de ilhas “nos Açores” e os cartazes e publicidade deviam ser do tipo “Grupo Oriental - Açores”, “Ocidental - Açores” ou “Central - Açores”, “O triângulo - Açores”, “Ilhas com lagoas - Açores”, “ilhas e montanhas - Açores”, etc., ou “Terceira – Açores”; “Faial-Açores”; “S Miguel-Açores”; “Corvo-Açores”.

A marca “Açores”, na sua diversidade, ficaria a ganhar; cada ilha ficaria a ganhar; e as ilhas, no seu conjunto, colaborariam umas com as outras na construção dessa identidade colectiva, multifacetada e rica, aos olhos do visitante.

Afinal este é um arquipélago e é um Região!

Ou não será? ■



FOTOGRAFIA ANTÓNIO ARÁUJO



## AÇORES NO TOP 100 DA MACARONÉSIA ESPÉCIES EM PERIGO

**NA LISTA DAS 100 ESPÉCIES MAIS AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO DA MACARONÉSIA ESTÃO 23 DOS AÇORES. ENTRE AS ESPÉCIES EM RISCO ENCONTRAM-SE O CEDRO DO MATO, O PRIÔLO OU AS CRACAS. A LISTA DAS ESPÉCIES QUE CORREM MAIORES RISCOS DE EXTINÇÃO NOS AÇORES, MADEIRA E CANÁRIAS ACABA DE SER PUBLICADA EM LIVRO.**

“TOP 100 – As espécies ameaçadas e prioritárias em termos de gestão na região europeia biogeográfica da Macaronésia”, um estudo de investigadores dos Açores, Madeira e Canárias, revela que existem oito plantas, um feto, um musgo, um vertebrado e 12 artrópodes dos Açores em risco de extinção, sendo quase todas elas endémicas.

De acordo com um estudo dos investigadores José Martin Esquivel, Manuel Hernández, Paulo Borges e Bernardo Faria, efectuado no âmbito da iniciativa comunitária INTERREG III B – Açores, Madeira e Canárias, as 100 espécies referenciadas embora estejam em perigo de desaparecer ainda existe a possibilidade de recuperação caso sejam tomadas medidas que para as proteger.

“Essas espécies foram seleccionadas porque apesar de serem raras existem possibilidades de as recuperar com êxito se houver um investimento na sua preservação”, refere Paulo Borges, investigador da Universi-

dade dos Açores e um dos coordenadores do estudo. Para além da versão em livro, o estudo encontra-se disponível para consulta no Portal da Biodiversidade dos Açores - [www.azoresbioportal.angra.uac.pt](http://www.azoresbioportal.angra.uac.pt)

Entre as espécies que estão ameaçadas de extinção, algumas delas comuns a mais que uma das regiões da Macaronésia, estão a azorina (planta), corgulho (artrópode), carochó (artrópode), cigarrinha cavernícola (artrópode), camarinha (planta), trovisco macho (planta), escaravelho das rochas (artrópode), cedro do mato (planta), loureiro (planta), camarão terrestre (artrópode), trevo de quatro folhas (planta), craca (crustáceo), cabeceira (planta), ginja do mato (planta), pseudoscorpião cavernícola (artrópode), priôlo (ave), carochó cavernícola (artrópode), aranha carvenícola (artrópode), entre outros...

Tendo em conta o perigo de algumas dessas espécies raras desaparecerem, Paulo Borges defende que é necessário tomar medidas urgentes para inverter a situação.

“Para garantir uma estratégia de conservação, o mais eficiente e eficaz possível para cada espécie, são necessários diversos estudos. Desde estudos de base em biologia e ecologia das espécies, à monitorização dos efeitos das acções de conservação, apontamos como essencial a realização de estudos específicos para cada uma das espécies prioritárias. Será necessário também em alguns casos evitar a expansão de espécies exóticas invasoras, proteger habitats especiais como por exemplo as cavidades vulcânicas e expandir zonas de floresta natural”, afirma.

O investigador da Universidade dos Açores considera que existem “bons e maus exemplos” no que se refere a medidas para proteger as espécies endémicas dos Açores

Entre as medidas que considera positivas destaca o projecto que pretende reverter o processo de extinção do priôlo, a única espécie de ave endémica dos Açores, “que tem sido muito bem estudada e protegida” na zona da Tronqueira (São Miguel) e, também, o Plano Sectorial das Cavidades Vulcânicas dos Açores



promovido pela secretaria regional do Ambiente, que permitirá “uma gestão eficaz de algumas grutas dos Açores onde ocorrem 20 espécies endémicas do arquipélago adaptadas a esse ambiente especial”.

### BONS E MAUS EXEMPLOS

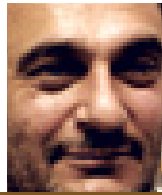
Entre os maus exemplos, Paulo Borges realça a perturbação das zonas húmidas como consequência da exploração intensiva das pastagens e a falta de controlo de algumas espécies invasoras (coniteira, hortênsia, faia-do-norte ou incenso).

Com a extinção do INTERREG III B, os estudos efectuado pelos investigadores das universidades dos Açores, Madeira e Canárias correm o risco de não terem continuidade por não haver financiamento para esse efeito.

Essa é uma situação que Paulo Borges considera que é preciso resolver com urgência para que algumas espécies endémicas da Macaronésia não sejam extintas a curto prazo.

“Os governos das três regiões vão ter de estudar as formas de obter os recursos para esse fim. A partir deste momento não há desculpas de falta de conhecimento ou de estudos. Os investigadores vão ter igualmente de actuar como “grupo de pressão” para que a biodiversidade dos Açores, Madeira e Canárias seja eficazmente protegida e mantida para as próximas gerações”, refere. ■





## JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS

Comemora-se este ano o 150.º aniversário do nascimento de um homem singular, que é para muitos aquele que em Portugal mais mereceu a designação de Sábio: José Leite de Vasconcelos.

Nascido em Ucanha, uma freguesia do distrito de Viseu, em 1858, o Doutor Leite morreu em Lisboa, solteiro e no meio dos seus gatos, em 1941. A imagem que dele mais retemos hoje é a de um ancião, de barbas brancas num rosto marcado, vestindo fato preto, de corte grosseiro, usando chapéu abeiro e calçando botas pesadas. Tinha mais ou menos o aspecto que eu ainda me lembro de ter o meu avô Francisco dos Altares: a de um distinto cavalheiro do povo.

Uma dessas fotos, e talvez a mais característica, representa o Doutor Leite de Vasconcelos na rua principal da Vila Nova do Corvo, rodeado de um grupo de corvinos, um ou outro velhotes de barbas e chapéu na cabeça – mas descalços –, aquando da sua visita àquela ilha num trabalho de recolha etnográfica em 1924.

Formado em ciências naturais e medicina, que muito pouco exerceu, Leite de Vasconcelos foi filólogo, e como tal professor da Universidade de Lisboa (foi numa sala com o seu nome, onde se guarda a sua biblioteca especializada, que eu recebi aulas do Prof. Lindley Cintra e defendi a minha dissertação de mestrado) e conservador da Biblioteca Nacional; foi arqueólogo, e assim fundador e director do Museu Nacional de Arqueologia, então Museu Etnológico Português; foi etnólogo (estudioso da literatura e das tradições populares), dialectólogo (estudioso das variantes regionais da língua), onomatólogo (estudioso dos nomes), chegou mesmo a exercer medicina tradicional – enfim, foi tudo aquilo que, por finais do século XIX e primeira metade do século XX, podia ser um homem inteligente, culto, atento, trabalhador, dedicado ao trabalho (de tal modo dedicado, que não só nunca casou, como aconselhava os seus discípulos a não constituírem família – se quisessem ter êxito profissional...), e

que tinha um grande projecto de vida que, no entanto, não conseguiu terminar: escrever a grande história do povo português, que teria por título genérico Etnografia Portuguesa, de que apenas concluiu e publicou alguns volumes.

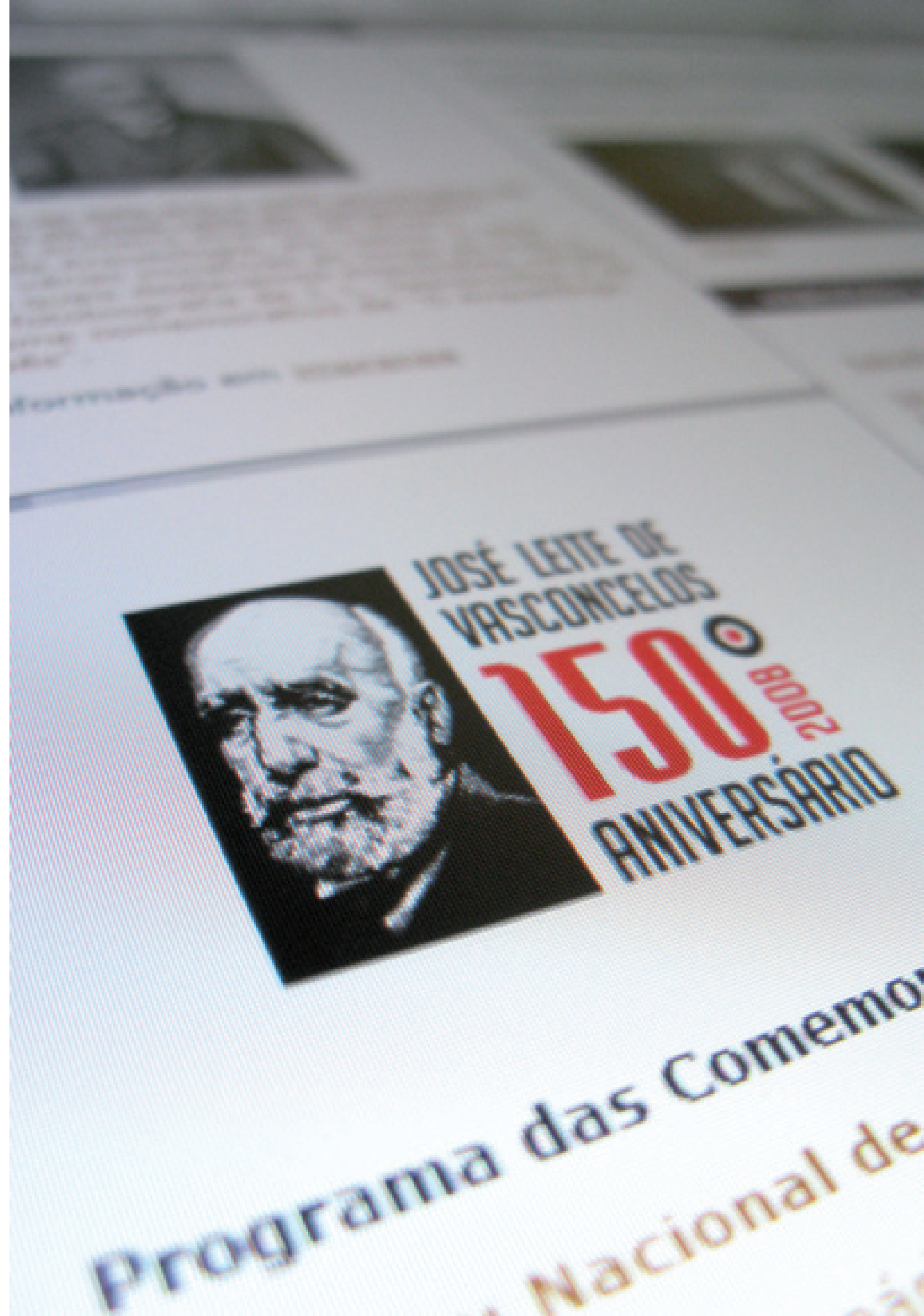
A sua obra ultrapassa os trezentos títulos – não conheço ninguém que a tenha lido toda –, e foi de tal modo popular que era frequente encontrar-se retratos e caricaturas de Leite de Vasconcelos nas capas dos jornais e revistas do seu tempo – com a frequência e realce com que hoje, salvas as devidas diferenças e variedades de publicações, aparecem jogadores de futebol, cortesãs sociais, empresários e líderes partidários.

Este grande sábio do século XIX, mas que continua a ser muito lido e discutido no século XXI, terá sido o primeiro estudioso, e foi decerto o maior e mais completo, a ir para o terreno nos Açores – e no país inteiro... – a fazer uma recolha sistemática de cantigas, provérbios, palavras, usos e costumes da nossa cultura popular tradicional.

Suponho que o Centro de Conhecimento dos Açores terá programada alguma actividade para comemorar esta efeméride de um homem que tanto contribuiu para colocar os Açores no mapa cultural português. Talvez até tenha digitalizada alguma reprodução daquela foto, a todos os títulos monumental, de Leite de Vasconcelos no Corvo, bem como alguma edição do trabalho que este admirável Sábio publicou sobre aquilo a que ele chamava “o dialecto açoriano” (já agora: recorde-se o trabalho do saudoso Pedro da Silveira, José Leite de Vasconcelos nas Ilhas de Baixo, de 1959)...

Ah, e é claro, talvez esteja quase pronto o Atlas Linguístico dos Açores, coordenado pelo linguista corvino João Saramago, que no fundo constituirá o corolário de um trabalho de dialectologia açoriana iniciado por Leite de Vasconcelos vai para quase um século. ■

FOTOGRAFIA ANTÓNIO ARABUJO



## ANOMALLY ESTREIA EM DISCO

**“ONCE IN HELL” É O TÍTULO DO CD DE ESTREIA DA BANDA TERCEIRENSE ANOMALLY. DIVULGAR A SUA MÚSICA FORA DOS AÇORES É O PRÓXIMO OBJECTIVO DO GRUPO.**

Na pequena sala de ensaios forrada de cartazes de bandas como Pantera ou Metallica e uma bandeira do grupo, onde os instrumentos ocupam a maior parte do espaço, Néelson Leal (voz), Marco Lote (guitarra/voz), Miguel Aguiar (teclados), José Pires (bateria), Tiago Alves (guitarra) e Luís Brum (baixo) recordam animadamente o início do projecto musical que os uniu.

“Os Anomally surgiram em 2005 com um grupo de amigos, ao qual se foram juntando outros membros, com o objectivo de fazer música com influências de metal e electrónica”, conta Miguel Aguiar.

“Com o passar do tempo e devido às influências dos novos membros, o metal foi prevalecendo sobre a electrónica”, acrescenta José Pires.

Depois de um ano de ensaios, estavam prontos para subir aos palcos da ilha Terceira. O concerto de apresentação do grupo aconteceu em 2006, ano em que concorreram também ao Festival AngraRock, tendo sido apurados para a final e alcançado o quarto lugar. Após alguns espectáculos ao vivo, foram considerados como banda revelação pela imprensa açoriana.

Ao longo dos seus três anos de actividade, os Anomally participaram já nos principais festivais do arquipélago, como o Festival Internacional de Metal de São Miguel, o Alta Tensão, o Azure e o AngraRock, sempre com uma excelente receptividade por parte do público.

“As pessoas gostam do nosso som. Muitas já nos co-

nheciam de outras bandas e continuaram a acompanhar o nosso trabalho”, afirma Marco Lote.

Os seis jovens músicos, vestidos de preto e com os corpos tatuados ou ornamentados com piercings, classificam a sua música de death-gothic. “É uma mistura de death metal com ambientes góticos”, explica Tiago Alves. Fãs das “grandes bandas de metal dos anos 90”, como Pantera, Metallica, Sepultura, Paradise Lost, Dark Tranquility ou Lamb of God, tentam, sobretudo, “contar histórias” através dos seus temas, muitas vezes inspirados em filmes de terror ou no fantástico.

“Cada um traz as suas influências, pegamos num pouco de tudo e misturamos, que é no fundo o que faz com que as coisas sejam originais”, sublinha José Pires.

### “PASSO NECESSÁRIO”

Em 2007, aos Anomally viveram outro momento alto do seu percurso, ao serem distinguidos pelos Prémios MusicaAçores como a melhor banda da categoria Rock/Metal.

“É um sinal de que o nosso trabalho é reconhecido não só na Terceira, mas também a nível Açores”, destaca Miguel Aguiar.

Para o grupo, a gravação de um CD era agora o “passo necessário”. “Já tínhamos gravado em 2006 um CD de promoção com três músicas e, neste momento, a gravação de um CD um pouco mais ambicioso era o passo necessário para a evolução da banda”, refere Néelson Leal.

Gravado no Watt Studio, com produção de João Mendes (guitarrista dos Stream), o registo discográfico com oito temas originais inclui “I Am God” e “Apocalyptic Signs”, que integravam já o CD promocional da banda.

“São dois temas que sempre tiveram uma grande aceitação e que decidimos melhorar e voltar a gravar”, acrescenta o vocalista.

O lançamento do primeiro disco, intitulado “Once in Hell”, assim como de um videoclip, surge no âmbito de uma estratégia de divulgação da banda para além



das fronteiras do arquipélago.

“O nosso objectivo é divulgar a banda ao máximo possível e tentar arranjar uma editora e distribuidores no continente, no sentido de dar um passo em frente”, salienta Marco Toste.

Um sonho dificultado, no entanto, pela insularidade e pelo facto de tocarem um género musical que não agrada a todos.

“Na Terceira, há muitos artistas, mas a cultura não é muito promovida”, considera José Pires. “Depois, encontrar músicos e a equipa certa é complicado quando se quer levar a música a sério”.

“Por outro lado, o nosso público representa uma minoria da população, o que faz com que os lugares para tocar acabem também por ser poucos”, acrescenta Miguel Aguiar.

“As próprias entidades responsáveis têm medo de apostar numa música mais violenta”, continua José Pires.

“A verdade é que o metal não é um tipo de música para todas as pessoas”, reforça Marco Toste, para quem “o metal assusta ainda muita gente”.

“Apesar de pelo mundo fora, ter muitos fãs”, salienta José Pires.

Mas apesar das dificuldades e de ter assegurado todos os custos do CD do seu próprio bolso, o grupo classifica de “gratificante” a oportunidade de gravação de um álbum e de um videoclip. E o esforço começa já a dar frutos: o concerto de estreia, que decorreu na última sexta-feira num bar local, contou com o apoio da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.

“Há que trabalhar também pelos apoios. Não basta

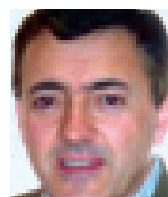
pedir, é preciso mostrar alguma coisa com conteúdo para se poder ser apoiado”, defende José Pires. “Agora, começa já a surgir por parte da Câmara Municipal alguma vontade de ajudar e de apostar em nós”.

Por enquanto, os Anomally pretendem apenas “continuar a fazer música para os fãs”.

“Vamos continuar a divulgar a nossa música, através de concertos e da comunicação social, assim como a compor e a preparar novos temas”, adianta Marco Lote.

Os interessados em adquirir o CD da banda poderão fazê-lo através dos sites na Internet [www.anomally.com](http://www.anomally.com) e [www.myspace.com/theanomally](http://www.myspace.com/theanomally). ■





# DAS RELAÇÕES E RALAÇÕES ENTRE GRACIOSA E TERCEIRA

As ilhas Terceira e Graciosa sempre estiveram profundamente ligadas por laços históricos, afectivos, sócio-económicos, administrativos e culturais. Por isso mesmo, são ilhas irmãs e, para qualquer graciosense, a ilha Terceira é uma referência incontornável e permanente.

Nas veias de muitos graciosenses corre sangue terceirense, pois que alguns dos homens e mulheres que ajudaram a povoar a Graciosa vieram precisamente da ilha de Jesus. E começa logo por haver aqui algum complexo de Édipo e algumas questões freudianas dos graciosenses em relação aos graciosenses... Só que isto é uma crónica e a psicanálise não é para aqui chamada.

Terceirenses e graciosenses têm muito em comum, em termos de tradições, usos e costumes. Uns e outros são festivos e festeiros, gostam de toiros e são dionisíacos. Por outro lado, por mais que se seja uma Região Autónoma, prevalece ainda nos Açores a lógica do ex-distrito (Angra do Heroísmo, no caso vertente). E, sendo assim, as ilhas Terceira, Graciosa e São Jorge continuam e continuarão a estar próximas e imbuídas do mesmo espírito, irmanadas no mesmo destino colectivo.

Por razões profissionais, andei ultimamente a ler o *Cancioneiro Geral dos Açores*, de Armando Côrtes-Rodrigues, e decidi recolher algumas quadras que, estando dispersas no dito Cancioneiro, agora por mim reunidas e sequenciadas visam perspectivar a ilha Graciosa na sua relação com a Terceira. Aliás, o folclore graciosense é detentor de duas modas que são únicas e originais no contexto da música tradicional das restantes ilhas: "José" e "Terceira".

Em síntese, e sobre a matéria em apreço, avanço aqui três perspectivas:

Numa primeira perspectiva, temos a ilha Terceira encarada pelo graciosense que ainda não saiu da sua ilha e que fala da Terceira com algum distanciamento,

destacando, com alguma ironia, outros costumes e modos de ser:

A Terceira é boa terra  
Dá de comer a quem passa  
A quem não trouxe dinheiro  
Nem água lhe dão de graça.

A Terceira é boa terra  
Ninguém o pode negar  
Até a gente de lá  
É diferente no falar.

Numa segunda perspectiva, temos a Terceira como a ilha madrasta, a terra ingrata, pois era para lá que iam os mancebos graciosenses cumprir o serviço militar, sinónimo de "ir p'ró Castelo" (fortaleza de S. João Baptista, em Angra do Heroísmo). De tal facto se queixavam, em primeiro lugar, os próprios soldados:

Quando cheguei à Terceira  
Fiquei como a noite escura  
Ai triste Castelo de Angra  
És a minha sepultura.

A Terceira é boa terra  
Embora que alguém se zangue  
Eu por ela faço guerra  
Derramo todo o meu sangue.

Ecoavam também queixas das mães dos soldados, que viam os seus filhos partir e ficavam aflitas:

Ó Terceira, terra ingrata  
Castelo da falsidade  
Roubas os filhos às mães  
Na flor da sua idade.

FOTOGRAFIA ANTÓNIO ARAÚJO



Uma mãe que cria um filho  
Com sangue nas suas veias  
Para o ver num regimento  
Amarrado com correias.

E há o sentimento das namoradas que, permanecendo na Graciosa, lamentavam a longa ausência dos seus apaixonados que no "Castelo" sobreviviam:

Ó Castelo da Terceira  
Quem te visse derrubado  
Se tu não fosses Castelo  
Meu bem não era soldado.

Terceira, terra ingrata  
Terra das ingratidões  
A alegria tens roubado  
A mais de mil corações.

Numa terceira e última perspectiva, temos uma já clara identificação do graciosense com a ilha Terceira,

sentindo ele um desejo irreprimível de largar amarras e deixar a sua Graciosa para fixar residência naquela ilha vizinha e irmã:

Quem me dera na Terceira  
Naquelas varandas verdes  
Apanhar cravos e rosas  
Alecrim pelas paredes.

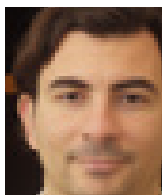
Quem me dera na Terceira  
Antes que fosse no cais  
Então eu diria  
Graciosa nunca mais.

Ontem como hoje, a Graciosa não pode passar sem a Terceira, nem esta sem aquela. E se o desenvolvimento de ambas passa necessariamente pelo turismo, então estas duas ilhas terão que se unir cada vez mais, conjugando vontades e interesses e articulando políticas e estratégias. Sem nunca descurar o mais importante: os afectos. ■

## OPINIÃO

GUILHERME MARINHO

<http://chaverde.blogspot.com/>



# COMEÇAR PELO FIM (2)

Em Março deste ano escrevi um artigo intitulado “Começar pelo Fim” (1), analisando a declínio das funções tradicionais da Assembleia Legislativa, a propósito da precipitada, logo inconclusiva, Comissão Eventual para a Reforma do Parlamento.

Na altura, recorri ao livro “O Parlamento Português: uma reforma necessária” (2), para sublinhar que a «crise» do parlamento regional é idêntica à de muitos outros parlamentos no mundo, porque, se mostra incapaz de exercer de forma consistente todas as funções para que foi pensado há 30 anos atrás: o espaço da «função tribunícia» é ocupado pela comunicação social nacional; a «função legislativa» é dominada pelo Governo e, finalmente, o exercício da «função de controlo» ressent-se da dificuldade em conciliar dois perfis distintos: o do parlamentar tecnicamente competente (mas, porventura mais distante dos eleitores) e o deputado «político», muitas vezes recrutado apenas em função das capacidades demonstradas no interior das organizações partidárias.

Ora, se doutrinariamente se pode pender entre a apresentação de novos papéis para os parlamentos (instância legitimadora, de recrutamento, socialização e treino de elites dirigentes) ou o seu reforço como centro de decisão ou influência política, a verdade é que,

pragmaticamente, a dignificação do parlamento regional deve passar, sobretudo, pelo aprofundamento da utilização dos institutos existentes e por uma alteração de algumas das práticas políticas vigentes.

Por isso, não foi de modo leve que, há precisamente, 4 anos, nos idos de Novembro de 2004, escrevi neste jornal discorrendo sobre os desafios de uma “Assembleia para o Século XXI” (3), e que, hoje, salvo melhor opinião, ainda está por provar que as soluções então propostas são descabidas ou que não se inserem no diagnóstico que está a ser feito ou nos desafios que a Assembleia Legislativa continua por querer encarar: o reforço da sua componente política numa tripla dimensão - o reforço da componente institucional (nacional e internacional); o reforço da componente funcional, como órgão legislativo, mas, sobretudo, como órgão fiscalizador; e, por último, talvez, com maior premência, o reforço da ligação eleito/eleitor. (Continua) ■

(1) [http://buledocha.blogspot.com/2008\\_03\\_01\\_archive.html](http://buledocha.blogspot.com/2008_03_01_archive.html)

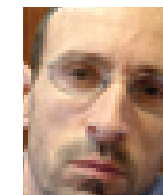
(2) [http://www.ics.ul.pt/imprensa/det.asp?id\\_area=2&offset=20&id\\_publica=18](http://www.ics.ul.pt/imprensa/det.asp?id_area=2&offset=20&id_publica=18)

(3) <http://buledocha.blogspot.com/2004/11/assembleia-xi-parte-2.html>

## SALA DA AUTONOMIA

ARNALDO OURIQUE

[arnaldo.ourique@dacores.com](mailto:arnaldo.ourique@dacores.com)



# A LEI DO ESTATUTO, A SERPENTE

Que o estatuto político-administrativo da região autónoma tenha um valor supremo na hierarquia das normas ninguém duvida. Mas o que não se vê com facilidade é que esse valor tem um preço e pode, pois, dizer-se que o valor do Estatuto tem dois efeitos, um positivo e um negativo.

O efeito positivo consubstancia-se em vários pilares: primeiro, é uma lei acima de todas as leis ordinárias o que em termos práticos significa que apenas a Constituição lhe é superior; segundo, tem um procedimento especial para a sua feitura, seja porque a sua alteração apenas pode ser feita se o parlamento regional oferecer a iniciativa, seja porque é exigida uma maioria qualificada no parlamento nacional para a aprovação; e em terceiro lugar, porque é a *constituição material* da autonomia, já que sem ele a Constituição seria insuficiente para a cabal realização da autonomia constitucional. Este triângulo leva, e bem, ao entendimento de que se trata de um documento onde se devem inscrever todos os comandos possíveis, assim se garantindo que a autonomia não se encerra por falta de normas legais (das omissões da Constituição e) do Estatuto. E isso não só é certo como legítimo.

Mas atenção: é que existe também o lado negativo desse valor estatutário: a competência exclusiva do parlamento regional para oferecer a iniciativa de alteração do Estatuto coloca-lhe um limite verdadeiramente substancial. A autonomia insere-se num conjunto alargado de leis: num primeiro e segundo níveis, a Constituição e o Estatuto; num terceiro patamar, um vasto conjunto de leis sobre diversos assuntos, sobre eleições para o parlamento regional, sobre a feitura do orçamento regional... e sobre o referendo regional, leis essas que são da exclusiva competência do parla-

mento nacional. Ora, embora se entenda, mal, que o Estatuto deva, pela sua força política, encerrar normas sobre aquelas apontadas matérias por exemplo, a verdade é que isso não é certo e viola não só a Constituição como a própria lógica do sistema.

Repare-se num exemplo concreto a propósito da actualíssima terceira revisão do Estatuto dos Açores: ali se previa uma norma sobre a “iniciativa referendária através da apresentação de anteproposta de referendo, subscrita por um mínimo de 3000 cidadãos eleitores recenseados no território da Região” (o Tribunal Constitucional declarou-a inconstitucional e o parlamento nacional expurgou-a). Ora bem: embora esta norma tenha uma fraca amplitude, isto é quase meramente procedimental e, portanto, passível à primeira vista de inscrição no Estatuto, a verdade, no entanto, é que sendo o regime do referendo regional aprovado por lei do parlamento nacional, logo, a inscrição daquela norma no Estatuto limitaria aquela lei ordinária sem que o parlamento nacional pudesse fazer qualquer solução porque a iniciativa de alteração do Estatuto é exclusiva do parlamento regional.

Ou seja, embora as coisas pareçam simples e, como tais, fáceis de ajuizar como passíveis de inscrição no Estatuto pela importância constitucional que este detém, é necessário atender a essa aparência: a harmonia serpentear afinal pode encerrar uma picada venenosa que não só limitaria a actuação do parlamento nacional naquilo que lhe é primário, como de igual sorte inquinaria o próprio princípio da separação de poderes. Ou seja ainda, o Estatuto está vestido do mesmo princípio por que se veste o homem: quanto maior a hierarquia ocupada, maior a responsabilidade e maior os cuidados numa a actuação de excelência. ■

## SARA COSTA

# TALENTO AÇORIANO



SARA COSTA, JOGADORA QUE REPRESENTA A IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO, É UM CASO SÉRIO NO PANORAMA DO VOLEIBOL JUVENIL. DOTADA DE EXCELENTES CAPACIDADES FÍSICAS E TÉCNICAS, HÁ QUEM VATICINE UM FUTURO RISONHO NA MODALIDADE À JOVEM ATLETA.

Aos 15 anos de idade, Sara Costa é com certeza umas das figuras com maior destaque e margem de progressão nas camadas jovens do voleibol feminino açoriano. Tem alguns clubes da ilha interessados no seu concurso, mas sente-se bem na agremiação que a viu crescer. A jovem terceirense frequenta o sétimo ano de escolaridade e já representou por cinco vezes a selecção açoriana de voleibol. Pratica a modalidade no popular Clube Desportivo da Irmandade de Nossa Senhora do Livramento, desde os sete anos. "A Sara é a típica jogadora de equipa que qualquer treinador gostaria de ter, pois é alta, muito disciplinada e bastante aplicada, possuindo ainda uma elevada capacidade técnica. É algo tímida em ambientes que não conhece, mas tem muita calma e com isso con-

trola bem as emoções dentro do campo. A sua personalidade de líder dá-lhe os atributos necessários para ser a capitã da nossa equipa. Tem uma grande margem de progressão pela frente e, se continuar assim, pode vir a ser um caso sério no voleibol". Foi assim que o técnico da talentosa Sara Costa definiu a sua atleta, a quem treina há seis anos consecutivos. No próximo mês de Dezembro, Sara Costa vai novamente prestar testes para a Selecção Açores, e será quase de certeza uma das 11 eleitas dos escalões de voleibol feminino que no próximo ano vão marcar presença nos denominados Jogos Desportivos das

Relativamente às virtudes e defeitos que encontra em si como jogadora, confessa que precisa de melhorar a recepção. Contudo, compensa essa lacuna com o forte remate e bom serviço que possui, para além da sua já citada postura em campo. Quanto aos estudos, define-se como uma boa aluna, apesar de assumir ser melhor jogadora do que aluna. Num algo futuro distante, gostaria de vir a ser bióloga marinha por se sentir fascinada pelo mar. Pretende atingir os seus objectivos, mas não quer desistir da modalidade que tanto gosta. Nos oito anos que leva de voleibol, define a vitória no

Ilhas, desta feita na ilha italiana de Elba. Desde pequena que Sara Costa se sente fascinada pelo voleibol. Gosta de jogar nas entradas e em campo nunca dá um lance como perdido, afirmando ser uma jogadora que vai a todas e dá tudo o que tem dentro do campo, em prol da equipa que defende. Lamenta, porém, a escassez de equipas de voleibol na Região Autónoma dos Açores, sobretudo nas camadas juniores. "Já temos poucas equipas e, de vez em quando, há desistências de uma ou outra, o que é mau para a modalidade! É um bocado frustrante de duas em duas semanas estarmos sempre a jogar contra a mesma equipa! Seria óptimo que houvesse mais equipas na Terceira!", refere a jovem promessa.

Campeonato Regional dos Açores, na categoria de minis, há alguns anos atrás, como o seu momento mais alto. Refere que possui boa estrutura física para atleta e que nunca teve nenhuma lesão. Gosta de ver jogos de voleibol ao vivo e sempre que pode assiste aos encontros da equipa de seniores masculinos da Associação de Jovens da Fonte do Bastardo. Define o seu treinador como uma pessoa ponderada que sabe estar no desporto, tendo, inclusive, grande apreço e admiração por ele. Tal como qualquer jovem da sua idade, a menina bonita do voleibol das ilhas de bruma gosta de ver as séries televisivas juvenis que encantam miúdos e, claro, muitos graúdos. ■

## LIVROS

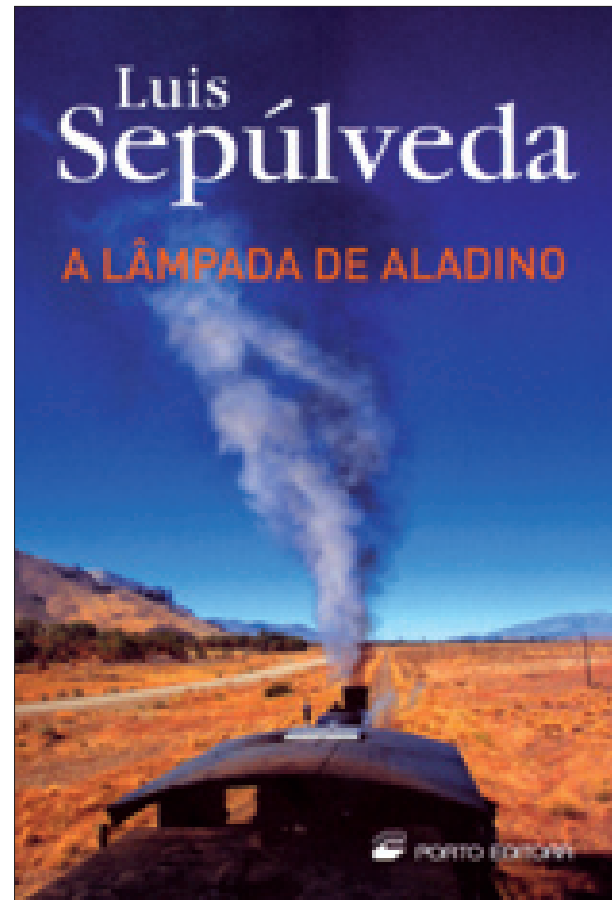
### A Lâmpada de Aladino

Luis Sepúlveda  
Porto Editora  
172 Páginas

A Lâmpada de Aladino constitui o esperado regresso de Luis Sepúlveda ao território da ficção. Nas histórias que compõem o livro, reencontramos com o território de sentimentos que fizeram do autor um dos nomes mais apreciados da literatura da América Latina. A Alexandria de Kavafis, o Carnaval de Ipanema, uma cidade de Hamburgo fria e chuvosa, a Patagónia, Santiago do Chile nos anos 70, a recôndita fronteira do Peru, Colômbia e Brasil, são alguns dos cenários deste livro. Nas suas histórias, cada uma delas um romance em miniatura, Luis Sepúlveda dá vida a personagens inesquecíveis.

### EXPOSIÇÕES

A reserva visitável de espécies em pedra do Museu de Angra está patente no Nartex da Igreja de Nossa Senhora da Guia. No Museu, até 30 de Novembro, está também patente ao público uma exposição de arte con-



temporânea que reúne obras de vários artistas plásticos. Uma instalação/escultura de Mariana Ramos está patente na Carmina Galeria, até 16 de Novembro. "Esquissos" é o título de uma exposição de fotografia de Marcelo Borges patente na Galeria do IAC. "Bowler Hat" é o título de

uma exposição de pintura de Vera Bettencourt patente na Sala Dacosta do Museu de Angra, até 4 de Janeiro de 2009. Uma Feira do Livro decorre junto à Marina da Praia da Vitória, até 9 de Novembro, no âmbito do programa "Praia - Outono Vivo '08".

### CINEMA

"Superhero movie: um

estrondo de filme!" é o filme em exibição no Centro Cultural de Angra, até quinta-feira, dia 6, pelas 21h00. Hoje, domingo, o filme é exibido às 18h00 e às 21h00.

O Centro Cultural de Angra estreia sexta-feira, dia 8, pelas 21h00, "Espelhos".

O IAC apresenta hoje, domingo, pelas 18h00, "Still Life - Natureza Morta", no Auditório do Ramo Grande.

O IAC apresenta sábado, dia 8, pelas 18h00, "4 Meses, 3 Semanas e 2 Dias", no Centro Cultural de Angra.

### TEATRO

A peça "De Homem para Homem" sobe quarta-feira, dia 5, pelas 21h30, ao palco do Auditório do Ramo Grande.

### MÚSICA

Kalman Balogh & Gipsy Cimbalon Band actuam hoje, domingo, a partir das 22h00, no Auditório do Ramo Grande.

### DANÇA

O espectáculo "Antologia Flamenca - Lorca canta a la petenera" é apresentado sábado, dia 8, pelas 21h30, no Auditório do Ramo Grande, pela Companhia Suite Española.





## MAIS LIVROS = MAIS DESCONTOS

<b>1º LIVRO</b>	<b>2º LIVRO</b>	<b>3º LIVRO</b>	<b>4º LIVRO</b>	<b>5º LIVRO</b>	...
-11%	-13%	-15%	-17%	-20%	

Rua Direita, 143-147 - 9700 Angra do Heroísmo | Telefone: 295 214 324 - Fax: 295 214 465

DIÁRIO INSULAR - FICHA TÉCNICA: Propriedade: Sociedade Terceirense de Publicidade, Lda., n.º Pessoa Colectiva: 512002746 n.º registo título 101105, Jornal diário de manhã, Composição e Impressão: Oficinas gráficas da Sociedade Terceirense de Publicidade, Lda. Sede: Administração e Redacção - Avenida Infante D. Henrique, n.º 1, 9701-098 Angra do Heroísmo Terceira - Açores - Portugal. Telefone: 295401050 Telefax: 295214246. diariains@mail.telepac.pt | www.diarioinsular.com Director: José Lourenço. Chefe de Redacção: Armando Mendes. Redacção: Hélio Jorge Vieira, Fátima Martins, Vanda Mendonça, Rui Messias, Helena Fagundes e Margarida Sodré. Desporto: Mateus Rocha (coordenador), Luis Almeida, Daniel Costa, José Eliseu Costa, Jorge Cipriano e Carlos do Carmo. Artes e Letras: Álamo Oliveira (coordenador). Colaboradores: João Bosco Mota Amaral, Francisco dos Reis Maduro-Dias, Ramiro Carrola, Luiz Fagundes Duarte, Guilherme Marinho, Gustavo Moura, Francisco Coelho, José Guilherme Reis Leite, Eduardo Ferraz da Rosa, Ferreira Moreno, António Ventura, António Vallacorbá, Diniz Borges, Jorge Moreira, Paulo Gomes, Duarte Freitas, Guilherme Marinho, Daniel de Sá, Soares de Barcelos, José Eduardo Machado Soares, José Gabriel Ávila, Fábio Vieira, Arnaldo Ourique, José Decq Mota, Carlos Costa Neves, Artur Lima, Cláudia Costa, Soares de Barcelos, Berto Messias, Luis Couto, José Aurélio Almeida. Fotografia: António Araújo, Rodrigo Bento, João Costa, Fausto Costa e Pedro Alves. Design gráfico: António Araújo. Agência e Serviços: Lusa. Edição Electrónica: Rui Azevedo. Sócios-Gerentes com mais de 10% de capital: Paula Cristina Lourenço, José Lourenço, Carlos Raulino, Manuel Raulino e Paulo Raulino. Tiragem desta edição: 3.500 exemplares; Tiragem média do mês anterior: 3.500 exemplares; Assinatura mensal: 11 euros.

**DR<sup>a</sup> AURORA LINO**  
MÉDICA PNEUMOLOGISTA

Consultórios  
Rua da Palha, 67  
Telefone: 295 218 440

Lar D. Pedro V  
Telefone: 295 540 981

3483

**ILHA 3**

**Escola de Condução e Rent-a-car**  
Rua dos Mártires, 11025  
1300-182 Angra do Heroísmo  
Telefone: 295 213 1145  
Fax: 295 211 549  
24 horas: 908839013

Terceira  
S. Miguel  
Pico  
Faial  
S. Jorge  
Graciosa

**Vidente - Medium  
Curandeiro  
Especialista**

**Telef. 291 23 87 24**  
Fax: 291 232 001  
TM 96 65 5 2 122

Contate: **Mestre Cassima**

Astrólogo, Espiritualista e Cientista obtém resultados rápidos. Conhecido pela sua competência, eficácia e precisão em tudo o que faz relativamente à Astrologia. Com poderes absolutos e rápidos, ajuda a resolver todos os seus problemas, por mais difíceis que sejam, ele tem poder de elucidar e como prever um futuro, recuperação imediata e definitiva do seu amor perdido, protecção, sorte e negócios. Consulta à distância, por telefone e carta, etc.

Entrada Dr. João Abel de Freitas, 38-B  
9050 - 012 Funchal  
e-mail: umaro\_cassima@hotmail.com

**FACILIDADES DE PAGAMENTO**

**SD PEST-CONTROL**

**SERVIÇO TÉCNICO DE DESINFECCÕES**

**Profissionais em:**  
**Desbaratizações \* Desratizações**  
**Tratamento de Madeiras**  
**(Combate às Térmitas)**

**SEDE: Rua Vigário Geral, 5 A - 9500-443 Fajã de Baixo**  
Telefone 296 382 110 - Fax: 296 636 664 - **TM. 919 903 300**

2146

**SABORES GENUINOS**

**Domingo em Família**

**PEIXADOR restaurante**

com uma oferta diversificada, o sabor e o aroma dos pratos são realçados com matéria-prima açoriana, como a carne, o peixe e o marisco fresco.

**ABERTO TODOS OS DIAS**

R. Constantino José Cardoso, 11 | Praia da Vitória  
Tel. 295 513 495 | Tm. 967 959 767

**PortAloe**  
tem para si todo o bom potencial a **100%** da **Aloe Vera**

Visite a nossa página WEB em **www.portaloe.com**

**SOMOS AQUELES QUE EM MATÉRIA DE PREÇOS PRATICAMOS OS MAIS BAIXOS 32 ANOS AO SERVIÇO DA SUA SAÚDE**

**Venha confirmar**

**1 Litro - 15,00 euros**  
Extracto de Polpa de Aloe Vera

**CENTRO DIETÉTICO DE F. PACHECO**  
Rua de São João n.º 54 Angra do Heroísmo  
Tel. 295 214 969

**MESTRE DOS MESTRES MESTRE MALAM**

Vida sem problemas  
Problemas sem Solução

TLM: 964 522 264  
912 662 493  
295 218 317

**Encontra-se no nosso País, o grandioso astrólogo Malam internacionalmente reconhecido. Dá conselhos sobre: amor, negócios, insucessos, impotência sexual, espirituais, invejas, vícios de droga, alcoolismo e tabaco. Aconselha no afastamento e aproximação das pessoas amadas.**

Consultas das 9h30 às 22h00 de Segunda a Sábado  
Marcação pessoalmente por carta ou telefone  
Faz trabalho à distância

Rua Pêro Enes do Canto, 13 - R/C esq. - Conceição  
9700 Angra do Heroísmo - Ilha Terceira

**Centro Dietético de Santo Espírito**  
TERAPIAS NATURAIS

Rua de Santo Espírito, nº. 8 | 295 218 593 | 966 295 598

**DR.º JOÃO BARBAS**  
Médico Clínica Geral

**Consultas**

**DR.º RUI PAIXÃO**  
Naturopatia, Quiroprática, Iridologia, Fitoterapia, Oligoterapia, Geoterapia e Correção Osteo-articular

**Consultas**

**TEMOS ALIMENTAÇÃO SEM GLUTEN**  
Aceitam-se inscrições para os Cursos de Confeção de comida vegetariana e macrobiótica

**ASTRÓLOGA JÚLIA**  
Consultas

**Através de Búzios, Cartas e Tarot.**

Tratamentos para todos os fins  
Temos produtos místicos e religiosos  
Também à distância e por carta

**Seriedade, sigilo e honestidade**

**Marcações:**  
**295 215 057 - 961 487 300**  
Angra do Heroísmo - Ilha Terceira

Lojas **FRIJOC**

Cozinhas modernas, clássicas e tradicionais

Pague até 10 meses sem juros ou crédito até 36 meses

**Orçamentos grátis**

**Roupeiros**

Zona Industrial - Achada, lote 36 - / Tel: 295 212521 Fax 295 212525



BREVEMENTE  
NA PRAIA DA VITÓRIA,  
UM NOVO ESPAÇO  
A PENSAR EM SI!



CEM% dos Açores  
CEM% dos Açores



CAIXA  
ECONÓMICA  
DA MISERICÓRDIA  
DY MISERICÓRDIA  
ECONÓMICA  
CYIXY